

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIII, Nº 11 – 2009, NOVEMBRO
Assinatura até 31.12.10: 13 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

De forma em forma, y de astro en astro vengo:
viejo nací: ¿Quién soy? Lo sé. Soy todo: –
el animal y el hombre, el árbol preso
y el pájaro volante: evangelista
y bestia soy: me place el sacrificio
más que el gozo común: con esto sólo
sé ya quién soy: ya siento de mi mano
ceder las puertas fúlgidas del cielo.

José Julián Martí 1853-1895. De forma em forma ...,
Versos Libres, José Martí Poesía Completa, Tomo I,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

¡Año nuevo! En promesas sé propicio,
bienes sin cuento paternal derrama;
dale todas las gracias, que la llama
de un gran amor le traiga nuevo auspicio.

Que cada día, en fervido epinicio,
la alabanza le dé toda su gama;
sentirá que la gloria de quien ama
es vencer entre pena y sacrificio.

Florezca en primavera el año entero
su alma como espléndido jardín,
y que radiante, de este al otro enero,
su lindo rostro se abra en flor, así
como hoy se abrió jugoso y placentero
su mirar sonriente para mi.

Alloysio de Castro 1881-1959, Año Nuevo

Eres, aún en tu amor, comedimiento.
Raciocinas con calma, bien segura,
y yo, tal vez por suerte o desventura,
soy un ejemplo de arrebatamiento.

Pesas los gestos, mides el momento
de mirar con rencor o con dulzura;
aprisionado en la pasión más pura,
yo soy la hoja con que juega el viento.

Amas como una reina, soberana,
que teme de la corte tanto y cuanto
puede intrigar la indiscreción profana.

Yo, despreciando cortes y traidores,
soy como la cigarra: canto y canto
y clamo a cielo y tierra mis amores.

Adelmar Tavares 1888-1963, Una Reina y Un Poeta

Privad mis ojos de la luz del día,
quítadme el aire, el cielo que yo adoro,
y las más ricas horas de alegría,
y el gorjeo del pájaro canoro.

Arrancadme esta paz y esta armonía,
llevadme el mar que canta cuando lloro,
y la noche, y la luna blanca y fría,
y el sonoro esplendor del cielo en coro.

Del goce de vivir el dulce encanto,
mi juventud, mi risa, mi entereza,
todo lo que hace que yo engañe tanto;

despojadme de todo, y a placer,
pero no me llevéis esta tristeza
que es mi sangre, mi pan, todo mi ser.

Olegário Marianno 1889-1958, Miaja de Ventura

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Poesia, como eu entendo,
é milagre de escrever...
Quase dizer, não dizendo...
ou não dizendo... dizer!

Alonso Rocha, 0903
Quatro Versos
elizabethsouzacruz@yahoo.com.br

Enquanto não se defende
da maldade dos demais,
toda criança depende
dos cuidados de seus pais.

Analice Feitoza de Lima, 0910
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Guardo ainda com carinho
e de lágrimas molhado,
teu branco lenço de linho,
nas saudades do passado.

Giselda Medeiros, 0909
Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br

Tudo passa nesta vida
até mesmo um grande amor;
só não passa a dor contida
nos versos de um trovador.

José Deusedit Rocha, 0907
De Cara com a Poesia
poetamalungo@yahoo.com.br

Cupido avisa aos poetas
e também aos namorados
que seus estoques de setas
foram todos renovados!

Miguel Russowsky ♡ 03.10.09
www.falandodetrova.com.br

Depois da aviária e a suína,
mais folga o aluno cobiça:
quer que venha, repentina,
a gripe bicho-preguiça!

Roza de Oliveira, 0910
Trovia
alu@mgalink.com.br

O velho tanque –
uma rã mergulha,
barulho de água.
Bashô

Mar de primavera –
o dia toda
lentamente ondula.
Buson

O sol brilha
nas vigas da ponte –
névoa da tarde.
Hokushi

A neve está derretendo –
a aldeia
está cheia de crianças!
Issa

Vento de primavera –
o mugido da vaca
do outro lado do aterro.
Raizan

Uma cai –
duas caem –
ah, camélias!
Shiki

Posso ver duas
ou três estrelas –
as rãs cantam.
Yayú

Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas: Haikai – Antologia e História, 3ª Edição, 1996, Editora da Unicamp

QUIDAIIS DE PRIMAVERA



TEMAS DA SAZÃO PRIMAVERA

Com rabo dançante
o cão late sem parar.
Quadrado empinado.
Agostinho José de Souza

Povo na calçada
banda marcial marchando.
Dia da República.
Amauri do Amaral Campos

Abrem-se, bebendo
a chuva de primavera,
florinhas sedentas.
Angelica Villela Santos

Rio serpeando,
superfície encrespada:
cavalas deslizam...
Djalda Winter Santos

Na copa da árvore
preso ao fio
um quadrado.
Isabel C. da Silva e Souza

Circulam abelhas
em volta do cinamomo,
em busca de pólen.
Maria App. Picanço Goulart

Prejúncios de chuva.
Nos estirões ribeirinhos
o coro das rãs.
Roberto Resende Vilela

Dia da Cultura
um mutirão de leitura
anima os alunos. T
Alba Cristina

Na praça, alvoroço:
palestras, concertos, danças...
Dia da Cultura! L
Amália Marie Gerda

Olhos redondinhos
cobiçam, de uma fruteira,
a jabuticaba. T
Amália Marie Gerda

Divertidamente,
guris enchendo canecas
de jabuticaba. G
Analice Feitoza de Lima

Um menino à espreita.
E as arapongas chegando
em busca de frutos. L
Analice Feitoza de Lima

Timido metálico
na vastidão do cerrado.
Grito de araponga. C
Angelica Villela Santos

Dia da Cultura.
Vencedores dos concursos
recebem troféus. G
Angelica Villela Santos

Jarra de cristal.
Licor de jabuticaba.
Bandeja arrumada. L
Angelica Villela Santos

A banda na praça
comemora alegremente.
Dia da Cultura. T
Argemira F. Marcondes

Fruta deliciosa
cobre a árvore inteira.
É jabuticaba. T
Argemira F. Marcondes

Com som estridente,
correndo ou voando baixo
lá vai a araponga. AB
Argemira F. Marcondes

Grudada na árvore
jabuticaba madura
atrai passarada. E
Cecy Tupinambá Ulhóa

Menino de rua
folheia livro de histórias.
Dia da Cultura. C
Darly O. Barros

A vovó, no almoço:
– Só ganha jabuticabas
quem raspar o prato! L
Darly O. Barros

No Dia da Cultura,
num banco de praça,
mocinha lendo. L
Denise Cataldi

Contação de histórias
e retreta no coreto.
Dia da Cultura. G
Flávio Ferreira da Silva

Embaixo da árvore
jabuticabas no chão.
Galinhas se fartam. A
Iraí Verdan

Livros espalhados
sobre a banca concorrida.
Dia da Cultura! L
Iraí Verdan

Araponga canta
no meio do milharal.
Manhã ao início. L
Iraí Verdan

Parque Água Branca.
À tarde, a espaços,
estridula a araponga. T
Manoel F. Menendez

Na tarde silente
atrapalha a sesta
grito da araponga. G
Neuza Pommer

No parque, de graça,
cinema ao ar livre:
Dia da Cultura. L
Neuza Pommer

Nos teus olhos
reflexos de brilhos
das jabuticabas. T
Neuza Pommer

Dia da Cultura.
No coreto da pracinha,
música e poesia. A
Renata Paccola

Flocos perfumados
revestem troncos e galhos.
Vêm jabuticabas. T
Renata Paccola

Insetos e pássaros,
em bando, dão vida ao pé
de jabuticaba. E
Roberto Resende Vilela

Quebrando o silêncio,
uma araponga insistente
bate na bigorna. G
Roberto Resende Vilela

Em cima da árvore
comendo jabuticabas.
A tarde passou. T
Sérgio F. Pichorim

O hocu era e é a partida para o encadeamento
de estrofes conhecido como haikai, e nada tem
a ver com os demais tercetos ou duetos deste.

O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido
a sua função no encadeamento, era e é um
terceto aberto. Considero o haicu com seus
mesmos princípios, e contendo um corte no
texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito **no momento da
ocorrência**, dando destaque ao quigo (palavra
da sação), **seu único principal motivo**: é um
instantâneo filmado em palavras. Quanto mais
excluímos pensamentos, explicações,
conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos
seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos
sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos ou pouco mais.
Fazer **certo** este aparente fácil entendido, **só persistindo**.

Pratique sempre.

Vamos lá, comece já! Num Quadro Final (análise dos
votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os
tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento
quanto a melhor percepção para os mesmos.

SELEÇÕES MENSAS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

☛ Até o dia 30.11.09, enviar até 3 haicus de quigos: araucária, Formiga, Rei Momo. ☛

Até o dia 30.12.09, enviar até 3 haicus de quigos: Águas de março, Libélula, Uva..

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP

ou
mfmenendez@superig.com.br

Mais vale um haicu enviado do que três por fazer!

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao
lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel,
com nome, endereço e assinatura. Despachá-la
normalmente pelo correio e/ou e-mail com
nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia
30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá,
devidamente numerada, a relação dos haicus
desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no
texto e sem a devida correção em tempo hábil),
afim de selecionar 10% deles.

3. A folha conterà o nome do haicuista se-
leccionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um
abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim
escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois
serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus
cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim
enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Gotas cor de prata.	Tom é o gatinho.	Símbolo do espião,	Buganvília reinando...	Inveja o menino	Flor de ipê.	A flora agradece
O orvalho a se debruçar	Jerry o ratinho levado.	quão logo ecoa araponga!...	Poderio da beleza.	que, empinando sua pipa,	Símbolo da Pátria.	a chuva de primavera
nos chorões à noite.	Ambos pintam o sete!...	- Dedo-duro então?	Como as flores, o quê?	esquece problemas!...	Murcha dor.	que rejuvenesce...
Analice Feitoza de Lima	Cecy Tupinambá Ulhoa	Fernando L. A. Soares	Fernando Vasconcelos	Hermoclydes S. Franco	Marcelino R. de Pontes	Santos Teodósio

Monteiro Lobato, Cidades Mortas, 24ª edição 1984, Editora Brasiliense S.A. – Gentileza de www.bookcrossing.com – BCID 585-6447506, Casa das Rosas.

VIDINHA OCIOSA (TRECHOS): APOLOGO, A MESMICE, A ENXADA E O PARAFUSO, PÉ-NO-CHÃO, BARQUINHA DE PAPEL, O JESUINO.

APÓLOGO

O velho Torquato dá relevo ao que conta à força de imagens engraçadas ou apólogos. Ontem explicava o mal da nossa raça: *preguiça de pensar*. E restringindo o asserto à classe agrícola: – Se o governo agarrasse um cento de fazendeiros dos mais ilustres e os trancasse nesta sala, com cem machados naquele canto e uma floresta virgem ali adiante; e se naquele quarto pusesse uma mesa com papel, pena e tinta, e lhes dissesse: “Ou vocês *pensam* meia hora naquele papel ou botam abaixo aquela mata”, daí a cinco minutos *cento e um* machados pipocavam nas perobas!

A MESMICE

Um coronel inglês suicidou-se “tired of buttoning and unbuttoning” – cansado de abotoar e desabotoar a farda.

A vida em Oblivion é um perpétuo “buttoning and unbuttoning” que não desfecha no suicídio.

Salvam-na a botica e o jogo. A botica, porque nela há uma sessão permanente de mexerico, e o mexerico é a ambrosia dos lugarejos pobres. E o jogo, porque quem perdeu não pode suicidar-se antes da desforra, e quem ganhou vai alegre, a cantarolar que afinal de contas a vida é boa. Dessa forma escapam todos ao cansaço da mesmice.

A ENXADA E O PARAFUSO

Cada terra com seu uso. O nosso teatrinho sempre usou campanha para as chamadas. Campanhia é eufemismo. Havia lá dentro uma enxada velha, pendurada de um arame, com um parafuso de cama, cabeçudo, ao lado. Os sinais eram batidos ali.

Veio um mambembe pernóstico e calou a enxada, substituindo os seus sonsidos por três pancadas no assoalho.

No primeiro dia, o povo da platéia entreolhou-se ao ouvir aquilo, e lá pelo poleiro houve risadas e assobios. O delegado resolveu intervir.

– Este mambembe parece que está mangando conosco!

Explicações. O empresário provou que aquele sistema era a última moda em Paris. Os espectadores remexeram-se, desconfiados. Estavam nessa indecisão, quando o major dirimiu a pendenga com o peso de sua autoridade:

– Mas isto aqui não é Paris!...
– Bravos! Bravos!

E a velha enxada sonora voltou a ser tangida com o parafuso de cabeça.

PÉ-NO-CHÃO

Fica no extremo da rua o grupo escolar, de modo que a meninada passa e repassa à frente da minha janela. Notei que muitas crianças sofriam dos pés, pois traziam um no chão e outro calçado. Perguntei a uma delas:

– Que doença de pés é essa? Bicho arruinado?

O pequeno baixou a cabeça com acanhamento; depois confessou.

– É “incomomia”.

Compreendi. Como nos grupos não se admitem crianças de pé-no-chão, inventaram as mães pobres aquela pia fraude. Um pé vai calçado; o outro, doente de imaginário mal crônico, vai descalço. Um par de botinas dura assim por dois. Quando o pé de botina em uso fica estragado, transfere-se a doença de um pé para outro, e o pé de botina de reserva entra em funções. Destarte,

guardadas as conveniências, fica dispêndio cortado pelo meio. Acata-se a lei e guarda-se o cobre. Benditas sejam as mães engenhosas!

BARQUINHA DE PAPEL

Quando chove, logo que passa o aguaceiro e o enxurro transforma a rua num sistema de rios e riachos lamacentos, começam a derivar barquinhas de papel. A casa do Joaquim, o moleque-chefe da rua, vira estaleiro. Saem de lá as grandes, com bandeirolas. A mocinha de frente também deita, a medo, a sua; e quem seguir esta barquinha, verá o rapaz moreno, que mora na outra esquina e esta à janela, correr à sarjeta, apanhá-la e ler risonho a mensagem a lápis da sua namorada...

O JESUINO

Quando os juizes de fato se fecham (ou são fechados) na sala secreta, ficam à porta de guarda os dois oficiais de justiça. O único interessante é o Jesuíno, mulato velhusco, grandalhão, lento no falar como um carro de boi ladeira acima.

Desfila o seu rosário de aventuras, onde ele sempre triunfa às avessas. Tem absorvido muita pancada, e até cargas de chumbo. Como é homem da lei, não reage senão por meio da lei. É comezinho ir citar um caboclo na roça, ser hospedado a guatambu e vir dar conta ao juiz da façanha com vergões pelo corpo, galos na testa, e às vezes descadeirado. Considera a pancada um osso do ofício. Conta de um soco tão violento que o derribou a duas braças de distância. Como os valentões exageram as proezas, Jesuíno exagera os martírios que padeceu a bem da lei.

Isso no fundo é ganância de gorjetas. A parte

por amor da qual levou pancada paga-lhe os galos.

Mas nesse caso do soco há um apêndice – para os colegas, onde não há de vir gorjeta. Conta que mal se ergueu, meio tonto, e se apurou, o escacha-meirinho veio-lhe para cima de porrete e o descansou sem dó. Mas ele afinal atracou-se ao bicho e conseguiu ferrar-lhe as munhecas no gasnete. Deitou o “sojeito” no chão, socou um joelho na boca do estômago, e leu-lhe na cara o mandado. Só não disse com que mão tirou do bolso o papel (pois as duas estavam ferradas no pescoço do intimado). Mas é pormenor sem importância, esse. Depois fugiu a cavalo. Diz que a arma do oficial de justiça é a pena. O “sojeito” puxa pela garrucha; o oficial puxa da pena, tira o papel do bolso, e: Espere aí! Vá berrando e pregando tiros enquanto eu escrevo; vamos ver quem pode mais!

Carlyle esqueceu de incluir no seu livro famoso esta categoria do herói obscuro da intimação judicial.

Para realce da sua grandeza d’alma, contraosta à ferocia do “sojeito”, Jesuíno conta como lhe apareceu no dia seguinte ao pega. Jesuíno disse consigo: “Vou mostrar como se recebe um inimigo com civilização.” Fê-lo entrar, mandou vir café e não tocou na sova. Às folhas tantas o homem quis explicar a sua loucura da véspera. Jesuíno interrompeu: “Eu nada tenho contra o Sr., porque o Sr. agravou e esbofetou mas foi o Dr. Juiz e é com ele que tem de avir-se”.

Com esta sutileza vai transpassando ao meritíssimo a bordoeira velha – porque afinal, como “homem”, nunca levou pancada. “Quería só ver esse peitudo que erguesse a mão para mim! Ia parar no inferno!” 1908

O TIGRE DE MRS. PACKLETTIDE

Saki (Hector Hugh Munro 1870-1916, Um Gato Indiscreto e Outros Contos, 2009, tradução Francisco Araújo da Costa, Editora Hedra Ltda.: www.hedra.com.br

Mrs. Packletide tinha o desejo e a intenção de caçar um tigre. Não que a ânsia de matar tivesse surgido subitamente dentro dela, ou que sentisse que deixaria a Índia mais segura e saudável do que a encontraria com uma fração a menos de feras selvagens por milhão de habitantes. O motivo principal para esse desvio súbito em direção aos passos de Nimrod era o fato de que Loona Bimberton voara dezoito quilômetros no aeroplano de um aviador argelino, e não falava de mais nada. Apenas uma pele de tigre conquistada pessoalmente e uma farta colheita de fotografias na imprensa poderiam contrapor com sucesso esse tipo de coisa. Mrs. Packletide já planejava em sua mente o almoço que daria em sua casa de Curzon Street, supostamente em honra de Loona Bimberton, com um tapete de pele de tigre ocupando o primeiro plano e toda a conversa. Também já havia projetado em sua mente o broche de garra de tigre que daria a Loona Bimberton em seu próximo aniversário. Em um mundo que deveria ser movido principalmente pela fome e pelo amor, Mrs. Packletide era uma exceção: seus movimentos e motivos eram governados em geral pela sua antipatia a Loona Bimberton.

As circunstâncias se mostraram propícias. Mrs. Packletide oferecera mil rúpias pela oportunidade de caçar um tigre sem riscos ou esforços demasiados, e por sorte uma vila vizinha podia se orgulhar de ser o ponto favorito de um animal de antecedentes respeitáveis, que fora levado pelas enfermidades crescentes da idade avançada a abandonar a caça e confinar seu apetite aos animais domésticos menores. A idéia de ganhar as mil rúpias estimulara os instintos esportivos e comerciais do vilarejo: crianças se colocavam noite e dia nos limites da selva local para espantar o tigre de volta no evento improvável dele tentar vagar em direção a novos campos de caça, enquanto os tipos mais baratos de bode eram deixados soltos com sofisticado descuido para mantê-lo satisfeito em seu lar atual. A única ansiedade geral é que o animal poderia morrer de velhice antes do dia escolhido para a caça da

mehsahib. Mães carregando bebês através da selva após um dia de trabalho nos campos calavam seus cantos para que não atrapalhassem o descanso do venerável ladrão de gado.

A grande noite chegou pontualmente, enluarada e sem nuvens. Uma plataforma fora construída em uma árvore confortável e de posição conveniente, e ali se agachou Mrs. Packletide e sua dama de companhia, Miss Mebbin. Um bode, abençoado com um balido particularmente persistente, que se esperava que até um tigre parcialmente surdo ouviria em uma noite calma, estava amarrado na distância correta. Com um rifle de mira precisa e um mini-baralho para o jogo de paciência, a esportista esperava a vinda da caça.

“Imagino que estamos em algum perigo?”, disse Miss Mebbin.

Na verdade, não estava nervosa por causa da fera selvagem, mas tinha um medo mórbido de realizar um átomo a mais de serviço do que fora paga para fazer.

“Bobagem”, disse Mrs. Packletide. “É um tigre bem velhinho. Não conseguiria pular aqui nem se quisesse”.

“Se é um tigre velho, acho que deveria pagar menos. Mil rúpias é muito dinheiro”.

Louisa Mebbin adotava uma atitude protetora de irmã mais velha com relação a dinheiro em geral, independentemente de sua nacionalidade ou denominação. Sua intervenção energética impedira que muitos rublos se dissipassem em gorjetas em hotéis de Moscou, e francos e cêntimos se grudavam nela instintivamente em circunstâncias que os expulsariam de mãos menos compreensivas. Suas especulações sobre a depreciação dos restos mortais de tigres no mercado foram interrompidas pela aparição em cena do animal em si. Logo que viu o bode amarrado, deitou-se no chão, aparentemente menos por um desejo de tirar vantagem de todo abrigo disponível do que com o propósito de descansar um pouco antes de começar o grande ataque.

“Creio que está doente”, disse Louisa Mebbin, alto, em hindustâni, para o líder da vila, que

estava de tocaia na árvore vizinha.

“Quieta!”, disse Mrs. Packletide, e naquele momento o tigre começou a andar com cautela em direção à sua vítima.

“Agora, agora!”, incitou Mis Mebbin com alguma animação. “Se ele não encostar no bode, não precisamos pagar por ele”. (A isca era um adicional.)

O rifle estourou com barulho intenso, e então a grande fera amarela pulou para o lado e rolu no silêncio da morte. Em um instante, uma multidão de nativos animados havia corrido para a cena, e seus gritos levaram a boa notícia rapidamente à vila, onde o som das batidas de tambores se juntou ao coro de triunfo. E seu triunfo e sua alegria encontraram um eco preparado no coração de Mrs. Packletide; aquele almoço em Curzon Street já parecia incrivelmente próximo.

Foi Louisa Mebbin que chamou atenção para o fato do bode estar agonizando pelo tiro fatal, enquanto nenhum traço da ação letal do rifle podia ser encontrado no tigre. Evidentemente, o animal errado fora alvejado, e o predador havia sucumbido a um ataque cardíaco, causado pelo estouro súbito do rifle e acelerado pela senilidade.

Mrs. Packletide ficou perdoavelmente incomodada com a descoberta; mas, de qualquer modo, possuía um tigre morto, e os nativos, ansiosos pelas mil rúpias, de bom grado se tornaram cúmplices da ficção de que ela havia alvejado a fera. E Miss Mebbin era sua dama de companhia contratada. Assim, Mrs. Packletide encarou as câmeras sem preocupações, e sua fama ilustrada viajou das páginas do *Texas Weekly Snapshot* ao suplemento ilustrado de segunda-feira do *Novoe Vremya*. Quanto a Loona Bimberton, esta se recusou a olhar para um jornal ilustrado durante semanas, e sua carta de agradecimento pelo presente do broche de pata de tigre foi um modelo de emoções recalçadas. O almoço ela recusou: há limites além dos quais emoções recalçadas se tornam perigosas.

De Curzon Street o tapete de pele de tigre viajou para a sede da propriedade, onde foi devidamente inspecionado e admirado por todo o condado, e

pareceu próprio e correto quando Mrs. Packletide foi para a Festa a Fantasia do Condado vestida de Diana. Ela se recusou a aceitar, no entanto, a sugestão tentadora de Clovis de realizar um baile primitivo no qual todos usariam as peles das bestas que mataram recentemente. “Eu iria de filhote de tentilhão”, confessou Clovis, “com uma miserável pele de coelho ou duas para me enrolar. Mas minha silhueta”, completou, com um olhar algo malicioso para as proporções de Diana, “é tão fina quanto a daquele dançarino russo”.

“Como ririam se soubessem o que aconteceu de verdade”, disse Louisa Mebbin alguns dias depois do baile.

“O que você quer dizer?”, perguntou Mrs. Packletide imediatamente.

“Como você atirou no bode e matou o tigre de susto”, disse Miss Mebbin, com sua bela risada desagradável.

“Ninguém acreditaria”, disse Mrs. Packletide, seu rosto mudando de cor tão rapidamente como se tivesse que ver todo um catálogo de amostras coloridas antes da chegada do correio.

“Loona Bimberton acreditaria”, disse Miss Mebbin. O rosto de Mrs. Packletide decidiu-se por um tom de branco esverdeado que não lhe caía bem.

“É claro que você não me entregaria, certo?”, perguntou.

“Vi um chalé de fim de semana perto de Dorking que gostaria de comprar”, disse Miss Mebbin com aparente irrelevância. “Seiscentos e oitenta, casa e terreno. Uma boa barganha, mas acontece que não tenho o dinheiro”.

* * *

O belo chalé de fim de semana de Louisa Mebbin, batizado por ela de “Les Fauves”, alegre no verão com seus canteiros de lírios tigrados, é a maravilha e a admiração de seus amigos.

“É incrível como Louisa consegue”, concordavam todos.

Mrs. Packletide não caça mais grandes animais. “Os gastos imprevisíveis são pesados demais”, confessa quando questionada pelos amigos.